Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 16 – n. 3 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Línguas ameaçadas: Documentação, descrição, análise, revitalização e ensino
ARTIGO

VERBO SER EM KAINGANG:

Um estudo na terra indígena apucaraninha

VERB BE IN KAINGANG:

A study in apucaraninha indigenous land

Marcelo Silveira
celosilveira@uel.br
Universidade Estadual de Londrina

Jéssica Brandet Alves
jessibrandet@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 13/10/2026
Aprovação do trabalho: 15/11/2026
Publicação do trabalho: 20/11/2026

COMO CITAR
SILVEIRA, Marcelo; ALVES, Jéssica Brandet. VERBO SER EM KAINGANG: Um estudo na terra indígena apucaraninha. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 141–161, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1859.

Resumo

O verbo *ser* é considerado verbo de ligação, cópula, verbo estativo, pois tem a função de ligar o sujeito e suas características, chamadas de predicativo do sujeito. Nem todas as línguas, porém, apresentam um verbo para realizar essa função, algumas outras não tem o verbo no tempo presente apenas. A variedade de realizações nas línguas conhecidas é bastante grande. Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar como as orações construídas com o verbo *ser* em português são realizadas em Kaingang, pois, como afirmado por Domingues (2013), não há um elemento lexical específico para essa função no Kaingang. A metodologia deste artigo consiste em uma pesquisa qualitativa. Inicialmente, pretendíamos, após contar com os materiais teóricos já existentes em relação ao tema, fazer uma pesquisa de campo. Porém, devido à pandemia da COVID-19, não foi possível realizar a pesquisa no campo. Dessa maneira, foi necessário recorrer a encontros virtuais, mensagens de texto e ao livro *Brilhos na Floresta* em Kaingang, traduzido pela professora bilíngue Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, também colaboradora nesta pesquisa. Assim, com base nas pesquisas de Domingues (2013) e Domingues e Silveira (2020), analisamos os dados coletados, apresentando a maneira como o verbo *ser* se apresenta na língua Kaingang.

Palavras-chave: línguas indígenas; língua kaingang; verbo ser; gramática pedagógica.

Abstract:

The verb *to be* is considered a linking verb, a copula, a stative verb, since its function is linking the subject and its characteristics. Not all languages, however, have a verb to perform this function, some others do not have the verb in the present tense only. The range of achievements in the known languages is quite large. Thus, this research aims to analyze how the sentences constructed with the verb *to be* in Portuguese are performed in Kaingang, because, as stated in the research by Domingues (2013), there is no specific lexical element for this function in Kaingang. The methodology of this article consists of qualitative research. Initially, we intended, after relying on the existing theoretical materials in relation to the topic, to do field research. However, due to the COVID-19 pandemic, it was not possible to carry out such field research. Thus, it was necessary to resort to virtual meetings, text messages and the book *Lights in the Forest* in Kaingang, translated by Professor Kaingang Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, who is also a collaborator in this research. Thus, based on research by Domingues (2013) and Domingues and Silveira (2020), we analyzed the data collected, presenting the way the verb *to be* is presented in the Kaingang language.

Keywords: indigenous languages; kaingang language; verb be; pedagogical grammar.

O início do caminho

O presente artigo analisa a maneira como as orações que têm o verbo ser em português são realizadas em Kaingang. Este estudo servirá de fundo teórico para a elaboração da seção de verbos da gramática pedagógica da língua Kaingang, que é um dos objetivos do projeto "Gramática, Bilinguismo e Multietnia", ao qual esta pesquisa é também vinculada. Almejamos uma gramática que leve em consideração não apenas a estrutura, mas também os fatores culturais e históricos, que não podem ser separados da língua ao se realizar um estudo sobre ela.

Dessa maneira, o objetivo geral deste artigo consiste em estudar como as orações compostas de verbo ser em português são realizadas na Língua Kaingang, pois, como afirmado na pesquisa de Domingues (2013), não há um elemento lexical específico para essa função no Kaingang.

Para uma abordagem do verbo ser, é necessário, inicialmente, atenção aos verbos copulativos, também conhecidos como predicativos ou de ligação. Os verbos copulativos têm a função de fazer a ligação entre o sujeito e o predicativo do sujeito. Sintaticamente, esses verbos 2 selecionam os sintagmas (adjetivais, nominais, preposicionais ou adverbiais) para a função de predicativo do sujeito. No critério semântico, os verbos copulativos não exprimem processos ou eventos; são considerados estativos. De acordo com Payne (1997, p. 117), os verbos copulativos tendem a ser muito irregulares, possuindo mais padrões de conjugação quando comparados a outros tipos de verbos. Além disso, esses verbos derivam de verbos estativos ou, ocasionalmente, de verbos simples de ação, como o verbo ir ou vir. Os verbos copulativos são: ser, estar, continuar, permanecer, ficar, andar, parecer, tornar-se e revelar-se. Este trabalho aborda o verbo ser.

A metodologia que usamos consiste em uma pesquisa qualitativa. Inicialmente, pretendíamos, após contar com os materiais teóricos já existentes em relação ao tema, fazer uma pesquisa de campo. O objetivo era ir até a Terra Indígena Apucaraninha e colher os dados com os falantes nativos da língua Kaingang. Porém, devido à pandemia da COVID-19, não foi possível realizar tal pesquisa de campo. Dessa maneira, foi necessário recorrer a encontros virtuais, mensagens de texto e ao livro *Brilhos na Floresta* em Kaingang (ISHIKAWA, 2020), traduzido pela professora bilíngue Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, também colaboradora nesta pesquisa.

Em seguida, fazemos considerações sobre a pesquisa com povos indígenas, sobre a história do povo Kaingang e da própria Terra Indígena Apucaraninha. Isso é essencial, pois é necessário conhecer a história do povo para entender as particularidades da língua por meio da qual interagem no dia a dia.

Seguindo, explicamos a classe dos verbos na língua Kaingang, abordando mais detalhadamente os verbos estativos descritivos, de acordo com as pesquisas de Domingues e Silveira (2020). Com base nas pesquisas de Domingues (2013) e Domingues e Silveira (2020), analisamos os dados coletados, mostrando de que maneira o verbo ser se apresenta na língua Kaingang.

1 A pesquisa com povos indígenas: olhar a partir de onde?

O olhar imperialista e colonizador é algo ainda presente nos não indígenas. Por esse motivo e pensando que esta pesquisa servirá como parte do fundo teórico para uma gramática pedagógica que auxilie professores indígenas, é importante fazer considerações sobre descolonizar as pesquisas feitas com esses povos.

É fundamental que, antes de se iniciar uma pesquisa com povos indígenas em qualquer disciplina, reflitamos sobre questões de como essa pesquisa servirá para auxiliar e beneficiar esses povos. Nas palavras da socióloga maori Linda Tuhiwai Smith,

> Algumas metodologias consideram que os valores, as crenças, as práticas e os costumes das comunidades são obstáculos para a pesquisa, ou são costumes exóticos com os quais o pesquisador deve estar familiarizado, para que possa realizar seu trabalho sem correr risco de causar ofensa [...]. Esses fatores [...] devem ser explicitamente incorporados à pesquisa [...] e acerca [deles] se deve discutir como parte dos resultados de um estudo, entre outras coisas, para incluí-los na devolução e/ou divulgação, em uma linguagem compreensível para a comunidade. Porém, isso não impede que se escreva com o objetivo de publicar em meios acadêmicos; trata-se simplesmente de uma abordagem respeitosa e ética [...]. Duas maneiras importantes, embora nem sempre adotadas pelas pesquisas científicas, são "devolver às pessoas" e "compartilhar conhecimentos" (SMITH, 2018, p. 28)

Assim, ressaltamos a importância de uma pesquisa que respeite verdadeiramente a cultura desses povos e que sirva para beneficiá-los.

Nesta pesquisa, será possível notar a importância de aspectos culturais na língua Kaingang, pois, por exemplo, sua cosmovisão está diretamente relacionada com as construções sintáticas. Com isso, fica evidente que é imprescindível que olhemos para a cultura desse povo com um olhar descolonizado, vendo a beleza de sua cultura e reconhecendo-a, sem preconceitos ou estereótipos que estão enraizados na sociedade não indígena brasileira desde 1500.

Sendo assim, é necessário que a pesquisa com povos indígenas seja um compartilhamento de saberes, visando contribuir para preservar e propagar a cultura, língua e costumes, não apenas do povo Kaingang, mas de todos os povos indígenas. Considerando esses aspectos, a seguir são apresentadas a origem dos Kaingang, parte de sua mitologia e informações sobre a Terra Indígena Apucaraninha.

1.1 Kaingang: um pouco de todos...

A língua, além de ferramenta de interação, é instrumento cultural e identitário de todos os povos. Ela carrega em si a história, a cultura e o contexto social de quem a fala. Dessa maneira, para abordar a língua Kaingang, é imprescindível que se fale a respeito de seu povo também. Por isso,

neste capítulo, será abordada a história do povo Kaingang.

Segundo Domingues (2013), em sua dissertação intitulada *Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang*, apesar de muitas pesquisas já terem sido feitas por arqueólogos e linguistas, não foi possível saber exatamente como ocorreu a ocupação territorial do Sul do Brasil por esses povos. Existem muitos estudos acerca da territorialidade dos povos Jê, dos quais os Kaingang fazem parte, porém eles são imprecisos e, muitas vezes, segundo a autora, acabaram por criar uma imagem de que esses povos são menos evoluídos.

De toda forma, Jolkesky (2010), ao tratar do povoamento da região meridional do Brasil, em sua dissertação *Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional*, aponta para estudos e datações de dados arqueológicos que evidenciam o deslocamento de parte da família Jê, da região Centro-Oeste em direção ao estado de São Paulo e serras gerais, no Sul do Brasil, locais onde se instalaram. Do ponto de vista linguístico, Rodrigues (2012), ao fazer um estudo histórico-comparativo das línguas Jê, afirma que os Kaingang e os Xokleng fazem parte da família Jê, sendo denominados Jê Meridionais.

De acordo com a Funai (2011), os Kaingang ocupam a terceira posição entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil (com 37470 pessoas), sendo o maior grupo pertencente à família Jê. Com sua população estimada, para 2020, em 50 mil pessoas (segundo Felisbino, em comunicação oral), os Kaingang vivem em Terras Indígenas presentes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Veiga (1994) relata que o primeiro contato entre os Kaingang e os colonizadores europeus data do século XVII, de acordo com registros feitos por padres jesuítas. Muitos desses indígenas, segundo conta a autora, acabaram não aceitando viver com os jesuítas e passaram assim a viver nas florestas do Sul. Nesse período, notou-se a presença de Kaingang nas áreas de floresta de araucárias.

As primeiras tentativas de conquistas do território Kaingang ocorreram por volta do século XVIII, porém a reação violenta dos indígenas fez com que os colonizadores desistissem. Ainda no século XVIII houve interesse pelas terras de Guarapuava, com ocupação do território pela expedição militar, o que ocasionou muita violência contra os indígenas, vistos como "os índios bárbaros". Esse fato resultou no aldeamento dos Kaingang (VEIGA, 1994).

Os Kaingang contam a origem de seu povo por meio da história de seus criadores, Kamẽ e Kanhru, que é uma das histórias míticas desse povo. Segundo Nimuendajú:

> A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles têm a cor de terra. Numa serra do sertão de Guarapuava, não sei bem onde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou embaixo da terra, onde eles permanecem até agora, e os que aqui em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome *Kañerú* e *Kamé*, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que *Kañeru* e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos,

> ligeiros tanto em seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. *Kamé* e seus companheiros, ao contrário eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos em seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram as plantas e os animais, e que povoaram a terra com seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo, que não pertença ao clã *Kañeru* ou ao de *Kamé*. Todos ainda manifestam sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã *Kañeru* é malhado, o que pertence ao clã *Kamé* é riscado. O Kaingang reconhece esta pinta tanto no couro dos animais como nas pernas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas ou na madeira das plantas (NIMUENDAJÚ, 1993, p. 58-59).

Essa cosmologia se estende ao modo de vida Kaingang. Ainda hoje os Kaingang se dividem em dois clãs: os Kamẽ e os Kanhru. Os indivíduos pertencentes aos Kamẽ devem se casar com os pertencentes aos Kanhru. Os filhos pertencem ao clã do pai.

Outra característica dos Kaingang originada a partir dos Kamẽ e Kanhru é a diferença das funções desempenhadas por cada grupo. Como afirma Domingues (2013), os Kamẽ são considerados de espírito mais forte e ficam com a liderança de rituais relacionados aos mortos. Os Kanhru são responsáveis pelas questões que abrangem política e guerras. As pinturas corporais também diferenciam esses grupos, pois os Kamẽ utilizam traços compridos, enquanto os Kanhru traços redondos. Todas as informações foram confirmadas pela colaboradora Kaingang.

1.2 Apucaraninha: uma parte do todo

Pertencente ao município de Tamarana, a Terra Indígena Apucaraninha (TI-A) tem cerca de 2000 habitantes e área de mais de 5000 hectares, sendo localizada na confluência dos rios Apucarana e Apucaraninha com o rio Tibagi. Segundo Domingues (2013), grande parte das casas presentes na aldeia foi construída pelo governo, mas sofreu alterações feitas pelos Kaingang com o objetivo de manter a tradição das antigas moradias do povo. A TI é composta, ao todo, por quatro aldeias: Sede, Água Branca, Barreiro e Serrinha.

Em 2012, foi inaugurada, na aldeia Sede, o Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag – E.F.M., que oferece ensino regular nos níveis fundamental II e ensino médio. Antes dela, só era ofertado o ensino fundamental I dentro da TI-A, também na aldeia Sede, na Escola João Kavagtan Vergilio, que hoje oferta também a educação infantil. Uma terceira escola é Roseno Vokrig Cardoso, também de educação infantil e ensino fundamental I, que se localiza na aldeia Barreiro.

De acordo com Felisbino, na primeira fase do ensino fundamental é ofertado um ensino bilíngue. Até o 4º ano o ensino é feito em Kaingang e, após o 5º ano, em português. Apesar disso, o número de professores indígenas é muito reduzido. A maior parte consiste em professores não indígenas, que possuem contrato temporário, o que acaba dificultando o ensino:

> A maior parte dos professores não índios é contratada em regime

> celetista, ou seja, possui contrato temporário, fato que dificulta a permanência de um mesmo docente por um período maior na escola, o que é lamentável, pois, quando os alunos começam a se acostumar com os professores, o contrato é interrompido. Esse problema, somado à falta de interesse de professores concursados em firmarem seus padrões nas escolas da aldeia, dificulta o processo de ensino, tendo em vista que, muitas vezes, é preciso esperar que surja interesse de docentes para lecionar na TI-A. Essa dificuldade está atrelada, na maior parte, aos problemas de acesso à aldeia e também à falta de informação dos professores em relação à cultura Kaingang. Nesse sentido, o preconceito também reforça a dificuldade em conseguir professores efetivos para a escola (DOMINGUES, 2013, p. 45).

Em relação à economia, Domingues afirma que o povo Kaingang da TI-A vive da agricultura de subsistência, por meio do cultivo do arroz, milho, feijão, palmito, pupunha, entre outros, além de assalariamento temporário e da venda e fabricação de artesanatos, como cestos, arcos, flechas e balaios. Esses produtos são vendidos fora da aldeia.

Também é relatado pela autora que o povo Kaingang da TI-A acabou ficando nacionalmente conhecido por conflitos com a Companhia de Energia Elétrica do Paraná (COPEL).

O conflito se deu devido ao fato que, em 1940, parte da reserva foi tirada do povo Kaingang para a construção de uma hidrelétrica, incorporada à COPEL em 1974. Vendo-se com território reduzido, os Kaingang lutaram pelo ressarcimento de suas terras e pelos danos ambientais causados pela hidrelétrica. O conflito perdurou até 2006, quando foi assinado um Termo de Ajuste de Conduta, que estabeleceu que a COPEL deveria realizar o pagamento de 14 milhões de reais como maneira de indenizar os danos causados aos recursos naturais da aldeia. O termo foi celebrado entre o Ministério Público Federal, a Comunidade Indígena Apucaraninha, a Fundação Nacional do Índio e a COPEL. O dinheiro foi depositado em conta aberta em nome da Associação dos Moradores da Comunidade Indígena Apucaraninha.

Além desse evento relatado, Domingues afirma que há outros problemas em relação à invasão na TI-A. Muitos não indígenas acabam invadindo a área para a pesca, utilizando barcos a motor e redes. Isso causa a diminuição de peixes, e o povo Kaingang, que é tradicionalmente voltado à pesca, acaba sendo prejudicado pela situação.

Outro problema presente na aldeia é o espaço. A população aumentou e não há como receber novas famílias devido à falta de espaço. Dessa maneira, seriam necessárias novas demarcações, o que parece não ser algo planejado pelo governo federal, que toma o caminho oposto, tirando cada vez mais terras de povos indígenas de todo país.

Com isso, pode-se notar que o povo Kaingang vem sofrendo uma história de opressão e desrespeito por parte do governo, de empresas privadas e de não indígenas. Assim, torna-se cada vez mais fundamental que os estudiosos da língua e da cultura indígena continuem nesse campo, lutando para a preservação desses povos e auxiliando na disseminação de sua cultura. Dessa maneira, é possível quebrar preconceitos existentes na sociedade em geral e unir aliados pela

preservação da cultura do povo Kaingang e dos demais povos indígenas.

2 A história do caminho

Como este trabalho tem como objetivo descrever como o verbo ser da língua portuguesa se realiza na língua Kaingang da Terra Indígena Apucaraninha, nosso primeiro passo foi ir em busca das teorias existentes sobre os verbos copulativos, compreendendo seu funcionamento na língua portuguesa e o que dizem diversos autores acerca do tema.

Após esse levantamento, passamos a investigar como o verbo ser se apresenta na língua Kaingang. O ideal era termos feito uma pesquisa qualitativa em que a coleta de dados fosse realizada registrando situações reais cotidianas com colaboradores falantes da língua Kaingang, levando em consideração o contexto de todo o diálogo, de toda a narração de uma história, dos dados de um texto instrucional, de avisos, alertas, conselhos, enfim, dos mais diversos gêneros textuais com os quais pudéssemos ter entrado em contato.

Inicialmente, desejava-se coletar dados de conversas com os amigos, vizinhos e familiares, em momentos de realizações de eventos culturais, fazendo gravações de diferentes tipos de textos, como narrativos, injuntivos, explicativos, entre outros. Porém, devido à pandemia da COVID-19, ainda não foi possível realizar essa pesquisa de campo planejada.

Assim sendo, lançamos mão do material que o projeto de pesquisa tem, que são o livro Brilhos na Floresta e dois cartazes de campanhas para a área da saúde, cuja versão para o Kaingang foi feita por Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, além de frases que aprendemos nas aulas de Kaingang ministradas também por Felisbino e de gravações feitas por colegas antes da pandemia.

Tais gravações aconteceram na TI-A e seu conteúdo são histórias importantes que jovens, adultos e kófa (como se chamam os idosos na TI) escolheram contar sobre si mesmos; o material coletado foi transcrito, vertido para linguagem formal e traduzido por Felisbino, após o que foi reunido ao banco de dados do projeto de pesquisa "Gramática Bilinguismo e Multietnia" (GraBiM).

Sobre as gravações, Bortoni-Ricardo (2008, p. 62) ensina que "a gravação eletrônica em vídeo ou áudio tem uma grande vantagem na coleta de dados porque permite ao observador 'revisitar' os dados muitas vezes para tirar dúvidas e refinar a teoria que está construindo".

Coletadas as orações contendo o verbo ser, fizemos as glosas, inserimos as traduções e iniciamos a investigação proposta, observando os elementos lexicais, morfossintáticos e semânticos responsáveis por exercer a função copulativa nas sentenças em Kaingang.

Como referência para a tradução, recorremos ao Dicionário Kaingang-Português (WIESEMANN, 2011), ao breve apêndice que o acompanha, assim como às valiosas considerações de Felisbino.

3 O "ser" na língua Kaingang

O verbo funciona como núcleo do predicado das orações, segundo a abordagem prototípica

givoniana (GIVÓN, 2001). O mesmo ocorre em Kaingang. Ele pode exprimir estados, ações, processos e eventos. As classificações dele são: verbos de tempo, estado, processos involuntários, funções corporais, movimento, posição, ação, ação/processo, factivos, cognitivos, de sensação, de emoção, de expressão, de manipulação. Esta classificação abrange critérios semânticos (PAYNE, 1997).

Os verbos de tempo são os verbos ligados a ocorrências de tempo e clima; os de estado são os verbos que abrangem predicados adjetivos ou nominais. Os processos involuntários consistem em verbos de um argumento, que não sofrem mudança de estado por volição; já os verbos de funções corporais, parecidos com os de processos involuntários, não envolvem mudança de estado.

Os verbos de movimento são os que apontam um movimento do sujeito; já os verbos de posição, apesar de possuírem propriedades sintáticas parecidas com os verbos de movimento, descrevem a posição estática de um objeto. Os verbos de ação exprimem ações voluntárias, sem envolver um paciente afetado distinto, enquanto os de ação/processo as envolvem.

Os verbos factivos expressam o surgimento de algo ou sua realização. Os verbos cognitivos expressam conceitos como *conhecer, pensar, entender, aprender, lembrar* e *esquecer*. Os verbos de sensação exprimem conceitos envolvidos com os sentidos; e os verbos de emoção expressam medo, gostar, amar, enlouquecer. Os verbos de expressão são ligados à expressão vocal e os de manipulação se relacionam a conceitos de uso de força física ou retórica, no sentido de forçar alguém a fazer algo (PAYNE, 1997).

Sobre as categorias de tempo, modo e aspecto dos verbos em Kaingang, Almeida (2008) e Domingues (2013) não consideram que haja uma divisão temporal tripartida (presente, passado e futuro), pois são unidades lexicais que marcam o tempo. Dessa maneira, no lugar da categoria de tempo, é possível observar que a distinção é feita por meio do conceito de evento não acabado, denominado futuro/irrealis, e evento acabado, chamado de passado/realis. O futuro em Kaingang é o tempo marcado, enquanto o passado não recebe marcação.

Quanto à transitividade verbal na língua Kaingang, os verbos são divididos em transitivos e intransitivos. Os verbos intransitivos são divididos em ativos e estativos/descritivos; já os verbos transitivos são todos ativos.

Os verbos transitivos possuem sujeito e objeto, descrevendo a relação entre dois participantes em que um é o autor e o outro receptor; eles podem se dividir em bivalentes e trivalentes, sendo transitivos simples e transitivos estendidos, respectivamente (DOMINGUES, 2013).

Os verbos intransitivos necessitam de apenas um argumento (sujeito) para ter sentido. Esses verbos sofrem variação de acordo com o tipo de argumento que recebem, sendo divididos, como já afirmado, em ativos e estativos/descritivos.

Os verbos intransitivos ativos na língua Kaingang são aqueles em que o sujeito exerce controle sobre a ação/evento. Mesmo que não haja um receptor nas orações com verbos intransitivos ativos o próprio sujeito acaba afetado por elas.

Os verbos intransitivos estativos/descritivos são os responsáveis por expressar qualidade ou

estado do sujeito, sendo que o sujeito não apresenta controle sobre a ação/evento. Por atribuírem qualidade, carregando carga semântica adjetival, podem, muitas vezes, acabar sendo confundidos com um membro da classe dos adjetivos, porém, como afirma Domingues.

> [...] não podem ser enquadrados como adjetivos, devido às suas propriedades morfossintáticas, que preenchem as características prototípicas da classe dos verbos, pois: a) ocupam a posição de verbo nas orações, b) recebem marcação (tempo, aspecto) comuns à classe dos verbos (DOMINGUES, 2013, p. 88).

Os motivos que levam a isso consistem no fato de que, assim como em línguas que apresentam cópula zero, a língua Kaingang não possui um item lexical que seja específico da função de cópula, como ocorre no Português com o verbo de ligação ser, tratado nesta pesquisa. Dessa maneira, a função de cópula na língua Kaingang é ocupada por verbos estativos/descritivos, que são verbos com semântica de adjetivo. Esses verbos formam o tipo de cláusula predicate adjectives, em que o principal conteúdo semântico é expresso por meio de adjetivos. Assim, esses tipos de oração são descritos como sentenças atributivas.

Com isso, pode-se afirmar que a função de predicativo pode ser exercida, no Kaingang, por verbos com semântica de adjetivos, sendo eles os verbos estativos/descritivos. Outra observação feita por Domingues é que os verbos posicionais jẽ (em pé) e nĩ (sentado) exercem a função de aspecto nas orações estativas descritivas, dando a elas caráter permanente ou temporário, como ocorre com os verbos ser e estar, respectivamente, na língua portuguesa.

Esses indicadores de aspecto, segundo Wiesemann, são perfectivos e indicam ações do ponto de vista global, diferenciando-o por ser feito sentado, em pé, andando, deitado, por uma pessoa ou várias, com habitualidade ou não. São eles:

Quadro 1: Indicadores de aspecto perfectivo realis

jẽ	perfectivo realis	'em pé'
jẽgtĩ	perfectivo realis	'habitualmente em pé'
jẽ nĩ	perfectivo realis	'na situação de estar em pé'
mũ	perfectivo realis	'fazendo'
mũgtĩ	perfectivo realis	'fazendo habitualmente'
mũ nĩ	perfectivo realis	'na situação de estar fazendo'
nĩ	perfectivo realis	'sentado, na situação de'
nĩgtĩ	perfectivo realis	'habitualmente na situação'
nĩ nĩ	perfectivo realis	'na situação sentado'
nỹ[1]	perfectivo realis	'deitado'
nỹgtĩ	perfectivo realis	'habitualmente deitado'
nỹ nĩ	perfectivo realis	'na situação de deitado'
nỹtĩ	perfectivo realis	'sendo pl.'
nỹtĩgtĩ	perfectivo realis	'habitualmente sendo'

[1] Na TI-A, é comum a pronúncia nã [nã] em vez de nỹ [nã], entre crianças, jovens e adultos (GUERRA; SILVEIRA; FELISBINO, 2020, nota 65). Usaremos a grafia nã daqui em diante.

nỹtĩ nĩ	perfectivo realis	‘na situação de ‘
rã nĩ	perfectivo realis	‘chegando devagar’
sa	perfectivo realis	‘pendurado’
sagtĩ	perfectivo realis	‘habitualmente pendurado’
sa nĩ	perfectivo realis	‘na situação de estar pendurado’
tĩ	Perfectivo realis	‘tendo ido sg.’
tĩ	Perfectivo realis	‘habitualmente’
tĩgtĩ	Perfectivo realis	‘habitualmente, sempre’
tĩ nĩ	Perfectivo realis	‘na situação de estar indo’

Fonte: Wiesemann (2011, p. 156).

Wiesemann ainda afirma que, quando o indicador vẽ se junta a esses indicadores de aspecto acima, estes ganham valor de irrealis:

Quadro 2 – Indicadores de aspecto perfectivo irrealis

jẽ vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para estar em pé, mas não foi’
mũ vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para se fazer, mas não se fez’
nĩ vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para ser, mas não foi’
nỹtĩ vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para serem, mas não foram’
nỹ vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para estar (deitado), mas não foi’
sa vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para estar pendurado, mas não foi’
tĩ vẽ	Perfectivo irrealis	‘era para ser habitualmente, mas não foi’

Fonte: Wiesemann (2011, p. 156-157).

Diante desses dois quadros, temos as diversas possibilidades de realização do copulativo ser em língua portuguesa. Cabe aqui a ressalva de que este texto traduz o início da pesquisa, que é a fase em que estamos, porém pretendemos abarcar mais exemplos do português, bem como fazer a principal análise, que é o caminho inverso, ou seja, tendo uma noção inicial de como se dá o copulativo correspondente ao verbo ser, partir dos corpora que temos na língua Kaingang para analisar o correspondente ao copulativo em questão e, na sequência, os copulativos em geral. Para o que teoricamente não foi contemplado, faremos as devidas elicitações.

Vejamos, então, o que a teoria funcionalista de Payne nos ensina sobre os verbos estativos/descritivos. Na língua Kaingang, como afirmado anteriormente, não há um item lexical específico que exerça a função dos verbos copulativos, categoria à qual pertence o verbo ser. Assim, as noções de estado/qualidade do sujeito são exercidas por verbos com semântica de adjetivo, sendo esses tipos de orações descritos como sentenças atributivas (PAYNE, 1997), com a mesma estrutura sintática de orações com verbos intransitivos.

Os verbos descritivos são responsáveis por dar a noção de sentido permanente ou temporário de um estado. No caso da língua Kaingang, segundo Domingues e Silveira (2020), essa marcação é exercida por meio de itens lexicais que desempenham a função de aspecto, que é o que passamos a ver a seguir.

Apesar de o foco deste estudo ser o verbo ser, daremos alguns exemplos com verbo estar, para fins comparativos e para entender a influência da questão aspectual na diferenciação entre os

aspectos durativos permanente e temporário.

Domingues e Silveira (2020), com dados da dissertação de Domingues (2013), apresentam duas diferenças entre aspecto durativo temporário e permanente, ser e estar em Português, pela escolha do falante entre os morfemas marcadores de aspecto jẽ e mũ, respectivamente.

3.1 Verbos estativos durativos temporários

1) Gĩr vỹ kaga jẽ
criança ms doente asp.em pé
'O menino é doente.'

2) Gĩr vỹ kaga mũ
criança ms doente asp.durativo/concomitante
'O menino **está** doente.'

Felisbino, no entanto, ensina que a oração (1) tem aspecto durativo temporário, e não permanente, traduzindo-a por *O menino está doente*. Atualizamos, então, aqui a oração (1) com o entendimento da nossa colaboradora

3) Gĩr vỹ kaga jẽ
criança ms doente asp.em pé
'O menino **está** doente.'

Aproveitamo-nos dessa explicação para trazer mais exemplos de orações com sentido durativo temporário para compará-las com as de sentido durativo permanente, objetivo do nosso estudo. As orações a seguir são diferentes, contudo têm a mesma tradução e vão ajudar a compreender as nuances semânticas entre elas:

4) Gĩr vỹ kaga nĩ
criança ms doente asp.sentado
'O menino **está** doente.'

5) Gĩr vỹ kaga nã
criança ms doente asp.deitado
'O menino **está** doente.'

Quais seriam, então, as diferenças entre (2), (3), (4) e (5)? Imaginamos, de antemão, que a diferença está nos marcadores de aspecto, visto serem os únicos morfemas que diferem uma oração da outra. O morfema *mũ* tem não somente o aspecto durativo temporário, mas também informa que a doença acontece em concomitância à elocução. Os marcadores de aspecto durativo temporário jẽ, *nĩ* e *nã*, por sua vez, significam, respectivamente, *no estado de estar em pé, sentado e deitado*, os quais conferem nuances aspectuais ao verbo e, nestes exemplos, se referem ao estado de saúde do doente, isto é, o fato de conseguir ficar em pé, sentado ou precisar ficar deitado demonstram os graus de gravidade da doença. Compreendemos, assim, que *jẽ*, *nĩ* e *nã* são aspectos durativos temporários posicionais e *mũ* é aspecto durativo temporário genérico, quando se trata de dizer o grau da doença.

As quatro orações apresentadas possuem a mesma estrutura, como afirmado anteriormente, que as orações formadas por verbos intransitivos, a saber: Sujeito + Verbo, quando o sujeito é nominal e Verbo + Sujeito, quando o sujeito é pronominal. Junto do sujeito nominal geralmente há um marcador de sujeito, como podemos notar nos exemplos de (1) a (6), o que não acontece quando o sujeito é pronominal, como vemos nas orações de (7) a (11). Vejamos um exemplo de oração com cada tipo de sujeito:

6) Gĩr vỹ fỹ
menino ms chorar
'O menino chorou'

7) Ter ti
morreu ele
'ele morreu'

As orações (2) a (5) modificadas com sujeito pronominal seguem a mesma estrutura de (7). As orações (8) a (11), todas com a mesma tradução (mas com nuances aspectuais distintas, conforme já vimos), são apresentadas a seguir:

8) Kaga ti mũ

9) Kaga ti jẽ

10) Kaga ti nĩ

11) Kaga ti nã
doente 3sg. asp
'Ele **está** doente.'

Ainda sobre essa introdução de exemplos contendo aspecto durativo temporário, podemos notar, pelas glosas, que o sujeito e o seu predicativo não têm um verbo que os ligue, uma cópula explícita que os una (o marcador de sujeito, que está entre sujeito e verbo, não tem essa função nas orações com sujeitos nominais), o que nos faz concluir que a melhor denominação a ser dada para esses predicativos, compostos nos exemplos por "adjetivos", é *verbos estativos* (ou *descritivos*, conforme Seki (2000)), que são uma espécie de verbos intransitivos que, sem precisar de um "intermediário" fazem sua própria ligação com o sujeito da oração.

3.2 Verbos estativos durativos permanentes (com adjetivos predicativos)

Partamos, agora, para orações com aspecto durativo permanente. A oração (12) apresenta o sentido de permanência da doença, quando as pessoas terão que saber conviver com o problema.

12) Gĩr vỹ kaga jẽgtĩ
criança ms doente asp.em pé+asp.habitualidade
'O menino **é** doente.'

Esta oração apresenta um marcador de aspecto composto de *jẽ* em sua forma verbal 3 (*jẽg*)2 mais o marcador de aspecto *tĩ*, que indica o aspecto permanente, a habitualidade do evento. O marcador de aspecto *jẽ*, por significar, *em pé*, indica que o menino não está acamado, que ele convive com a doença e vive de acordo com as suas possibilidades.

Apresentando nuances semânticas diferentes dadas pelos marcadores de aspecto compostos, temos as orações (13) e (14):

13) Gĩr vỹ kaga nĩgtĩ
criança ms doente asp.sentado+asp.habitualidade
'O menino **é** doente.'

14) Gĩr vỹ kaga nãgtĩ
criança ms doente asp.deitado+asp.habitualidade
'O menino **é** doente.'

Vimos anteriormente que *nĩ* significa *estar sentado* e *nã*, estar deitado. Assim, podemos entender que *nãgtĩ*, por ter o aspecto tĩ de semântica que indica a permanência, a habitualidade do evento, juntamente com *nãg*, que é a forma verbal 3 de *nã*, significando *estar deitado*, então temos a referência a um doente acamado, que não tem perspectivas de se curar e também não tem possibilidade de ficar se deslocando, se locomovendo; pode estar tanto acamado em hospital quanto em casa. O caso de *nĩgtĩ*, igual aos demais casos em termos estruturais, tem a forma verbal 3 *nĩg*, que significa *estar sentado*, porém a referência direta a essa posição não aparece explicitamente no sentido da oração. Ela é usada na situação em que duas pessoas conversam sobre uma terceira, que é o doente e não está presente na conversa.

Os casos analisados até agora apresentam o verbo estativo com possibilidades de uso de vários marcadores de aspecto, que dão nuances específicas em cada uso.

Vemos, porém, na oração (15) a impossibilidade ou, no mínimo, a estranheza de variar os marcadores de aspecto em certas orações.

15) Mĩg vỹ jũ jẽ
onça ms brava asp.em pé
'A onça é brava.'

O marcador *jẽ*, que teve sentido temporário nas orações (3) e (9), agora apresenta sentido permanente. Nossa colaboradora lançou a hipótese de que *jẽ* pode representar a declaração feita no momento em que o estado de ser brava é constatado, como aconteceu com mũ em (2) e (8). Há ainda o fato de no estado de estar em pé (*jẽ*) a onça oferecer mais perigo do que sentada (nĩ) ou deitada (*nã*). Como seria, então, dizer que a onça está brava num determinado momento? A resposta são as questões contextuais e a entonação. Para tanto, verbo estativo *jũ* ['jũ] recebe um prolongamento da

[2] Para saber mais sobre as formas verbais, veja Wiesemann (2011, p. 163-164).

vogal final ['jũ:], o que já seria suficiente para o aspecto permanente se torne temporário, e a oração passe a significar *A onça está brava*. O mesmo acontece com a oração (16).

16) Ka vỹ téjgy jẽ
árvore ms alta asp.em pé
'A árvore é alta.'

Da mesma forma como em (15), *jẽ* pode representar a concomitância entre a elocução e a constatação sobre a altura da árvore, que naturalmente representa o estado de estar em pé (*jẽ*), mas não são fatores que parecem definir a temporalidade ou a permanência da declaração, visto que é o prolongamento da vogal final do verbo estativo *téjgy* que tornaria suficiente a mudança na duratividade do que foi declarado: de permanente para temporário: "A árvore está alta", que é o sentido mais corriqueiro, visto que não estará em pé (alta, portanto) para sempre.

A oração (17) traz de volta o marcador de aspecto *nĩgtĩ* em função um pouco diferente do que vimos em (13).

17) Toto vỹ son kỹ nĩgtĩ.
Borboleta ms pintura posp formadora de verbo asp.sentado+asp.habitualidade
'A borboleta é colorida'

Assim como em (13), o sentido aqui também é durativo permanente. Há, além disso, de acordo com a Felisbino, a concordância com o gênero cosmológico dos Kaingang, dividido em metades tribais. Pelo formato arredondado da borboleta, ela é classificada como pertencendo à metade *Kanhru*. Assim, a composição do marcador de aspecto *nĩ*, em sua forma verbal 3 (*nĩg*), e do marcador de aspecto *tĩ*, que indica habitualidade, é utilizada, neste exemplo, não somente para estado permanente, mas também porque apresenta as características pertencentes à metade Kanhru, não importando a semântica de *estar sentado*, que também faz parte do morfema *nĩ*.

Em exemplo extraído da dissertação de Domingues (2013, p. 91), temos outro caso em que a cosmologia transparece na sintaxe da língua:

18) kukrũ vỹ kusa nĩ
panela ms fria asp.sentado
'A panela é fria.'

A *panela* (*kukrũ*), por ser um objeto redondo, portanto classificado como Kanhru, é acompanhado do marcador de aspecto *nĩ*, como acontece na oração (17).

Em (19), o morfema marcador de aspecto permanente sa se faz presente; seu sentido é de *estar pendurado*.

19) Ã gãnh vỹ téj sa
2s.poss. cabelo ms comprido asp.pendurado
'Teu cabelo é longo'

Já vimos que a forma simples dos marcadores de aspecto pode ter sentido durativo temporário e também permanente. Em (19), o aspecto é de duratividade permanente. Então, demandamos a Felisbino se era possível a mesma oração com o marcador de aspecto composto (20).

20) Ã gãnh vỹ téj sagtĩ
2s.poss. cabelo ms comprido asp.pendurado+asp.habitualidade
'Teu cabelo continua sendo longo'

Não somente há essa possibilidade, como também ganhamos novo sentido: o sentido continuativo, habitual, que também faz parte da semântica de tĩ, semântica esta advinda do verbo *tĩg*, que significa *andar*. Ou seja, fica implícito "o cabelo ser longo", quando nos deparamos com o fato de que ele "continua sendo longo"; neste caso, o continuativo faz pressupor o durativo permanente.

Os mesmos casos de (19) e (20) podem ser vistos em (21) e (22) respectivamente:

21) Sala kãtá quadro vỹ kupri sa
Sala dentro quadro ms branco asp.pendurado
'O quadro da sala de aula é branco'

22) Sala kãtá quadro vỹ kupri sagtĩ
Sala dentro quadro ms branco asp.pendurado+asp.habitualidade
'O quadro da sala de aula continua sendo branco'

O quadro de giz, por estar fixado ou pendurado na parede, está ligado ao aspecto que *sa* e *sagtĩ* oferecem ao falante, resultando no sentido durativo permanente em (21) e continuativo, habitual em (22).

No caso dessas duas orações, não há marcação de aspecto permanente ou temporário, e sim do aspecto *sa*, que indica pendurado. Isso porque o cabelo longo fica pendurado na cabeça, escorregando pelas costas, enquanto o quadro dentro da sala fica pendurado na parede.

No exemplo seguinte (23), apresentamos dois marcadores de aspecto (um composto e outro simples) dando sentido de duratividade permanente para o evento em questão.

23) Mỹ sér mẽ ag nỹtĩg tĩ.
Alegre muito 3m.pl. asp. asp.habitualidade
'Eles são muito divertidos'

O que é novo nesta análise é o uso de *nỹtĩg* (diferente de *nỹgtĩ*), que apresenta uma concordância plural com o sujeito que o antecede *ag* (*eles*).

3.3 Verbos estativos durativos permanentes (com substantivos predicativos)

Todos os exemplos vistos até agora, especificamente aqueles relacionados ao verbo *estar* e *ser*, tratam de verbos estativos, ou seja, verbos que têm semântica de adjetivo predicativo. Trazemos exemplos, agora, em (24) e (25), do aspecto durativo permanente em orações com substantivos predicativos, ou seja, com o predicativo sendo preenchido por um substantivo.

24) Pedro vỹ tỹ profesor jẽ
Pedro ms ms professor asp.em pé
'Pedro é professor.' (DOMINGUES; SILVEIRA, 2020, p. 85)

25) Pedro vỹ tỹ profesor jẽgtĩ
Pedro ms ms professor asp.em pé+asp.habitualidade
'Pedro continua sendo professor.'

Notamos que os morfemas marcadores de aspecto permanecem na mesma posição na oração (posição final). O elemento novo em nossas análises é o morfema *tỹ*, que pode ser um marcador de sujeito ergativo, usado em orações explicativas. *Tỹ* também é usado para indicar a existência daquilo a que se refere, ou seja, "Pedro existe como professor", "Pedro continua existindo como professor", porém normalmente a ocorrência desse morfema é na primeira posição da oração. São necessárias mais pesquisas para definir exatamente a função de *tỹ* na posição apresentada em (24) e (25), logo após o marcador de sujeito vỹ; este, segundo Wiesemann (2011, p. 160), apresenta o sujeito como tópico. Ainda segundo a autora, tỹ pode indicar a função de agente ergativo, assim como pode indicar tópico; neste caso, reforçaria ou redundaria a função de *vỹ* como indicador de tópico da oração.

Vemos o mesmo exemplo com sujeito feminino, em (26) e (27).

26) Jéssica fi vỹ tỹ professora jẽ.
Jéssica mf ms ind.ex. professora asp
'Jéssica é professora'

27) Jéssica fi vỹ tỹ professora jẽgtĩ.
Jéssica mf ms ind.ex. professora asp.em pé+asp.habitualidade
'Jéssica é professora e continua sendo professora'

Nestes exemplos, notamos a presença do marcador de feminino singular seguindo o sujeito Jéssica; a presença de tal marcador é sempre necessária, diferentemente do marcador de masculino singular, cujo uso é opcional; os Kaingang do Apucarananinha, porém, parecem optar por não usá-lo.

No exemplo seguinte (28), vemos novamente o uso de *jẽ* para o aspecto durativo permanente, corroborando as orações com substantivos predicativos analisadas até então:

28) Aruisio vỹ tỹ nẽn kãtá ke jẽ.
Aluísio ms ms mata virgem dentro.de asp.em pé
'Sr. Aluísio é um homem da floresta.'

Neste exemplo, o marcador de aspecto *jẽ* é usado, pois Aluísio é permanentemente um homem da floresta. Dessa maneira, pode-se afirmar que o morfema *jẽ* marca um estado permanente, quando as orações contêm substantivos predicativos. É o mesmo que acontece em (29):

29) Ũn gré tag vỹ tỹ ijóg jẽ
homem-este ms ms meu.pai asp.em pé
'Esse homem é meu pai.'

Aqui, notamos novamente o aparecimento de *vỹ* e de *tỹ* juntos, como em (24)-(28); notamos também que a função de *pai* (*inh jóg* > *ijóg* – meu pai) é permanente (*jẽ*). Detalhe interessante, encontrado no dicionário de Wiesemann (2011, s.v. *jóg*), é que outra tradução para *jóg* é *quem cuida*, fazendo lembrar uma frase muito usada em português, que diz: "Pai é quem cuida", bem como aponta para o fato de que o pai também cuida, não somente a mãe.

No exemplo (30), vemos o morfema *tỹ* desta vez iniciando a oração, portanto em função de mostrar a existência da declaração que se está fazendo.

30) Tỹ ẽg vẽnh vĩ ũ to vẽnhránrán tĩ nỹtĩ.
Ind. exist. 1pl. língua outrasobre escrever asp.habitualidade existir
'Nós somos estudantes da língua'

Na oração em análise, há um sujeito nós (ẽg) que, literalmente, *escreve em outra língua* (*vẽnh vĩ ũ to vẽnhránrán*) com habitualidade (*tĩ*), situação esta de existência corroborada pelo verbo existir (*nỹtĩ*) em sua forma intransitiva plural, em concordância com o sujeito *nós*. Este, então, é um exemplo típico de oração que foca na existência para realizar o que o falante pretende: existimos como estudantes (escreventes) de outra língua, ou seja, *Somos estudantes da língua*.

Todas as 30 orações apresentadas neste trabalho são imperfectivas, que tem a característica de apresentar uma situação considerada incompleta, não finalizada. É até mesmo por isso que são necessárias noções aspectuais, visto que é preciso representar as fases de desenvolvimento da situação; "ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo" (TRAVAGLIA, 2016, p. 85).

Em Kaingang, o perfectivo é o aspecto não marcado, enquanto o imperfectivo o é; por isso, temos sempre a presença dos morfemas marcadores de aspecto, responsáveis ou corresponsáveis pela existência no Kaingang da estrutura referente ao copulativo, estruturas estas mais bem caracterizadas como *verbos estativos/descritivos*.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar como as orações que possuem verbo *ser* em português são realizadas na Língua Kaingang.

Aprendemos que a estrutura das orações contendo os verbos posicionais é a mesma das orações compostas de verbos intransitivos.

Vimos os morfemas simples marcadores de aspecto (*jẽ, nĩ, nã, mũ*), nas primeiras orações com adjetivo predicativo dando sentido temporário aos eventos, correspondentes ao nosso verbo estar, ou seja, apresentando aspecto durativo temporário. Os exemplos apareceram a título de comparação com as orações que eram o objetivo deste trabalho: as relacionadas ao verbo *ser*, que têm aspecto durativo permanente.

Pode-se concluir que a representação das orações com aspecto durativo permanente acontece por meio de itens lexicais que desempenham a função de marcadores de aspecto, assim como acontece com as que apresentam aspecto durativo temporário.

Nas análises das orações foco do trabalho, encontramos o aspecto durativo permanente sendo preenchido pelos morfemas simples marcadores de aspecto em sua forma verbal 3, seguidos pelo marcador de aspecto *tĩ*, indicador de habitualidade, permanência e também de continuidade, visto sua origem estar verbo *tĩg* (*andar*), ou seja, o morfema composto.

Apesar da regularidade como os exemplos vinham demonstrando os aspectos durativos nas orações, isso durou até a oração (15), em que o morfema simples descreveu um estado durativo (diferentemente do que tínhamos visto anteriormente). Diante da informação de que o estado temporário seria dado pelo prolongamento da vogal final do verbo estativo, concluímos que o marcador de aspecto não realizou aquela função naquele exemplo e entendemos que o morfema simples apontava para a questão posicional (*sentado, deitado, em pé*).

A regularidade inicial continuou sendo "afrontada" quando um morfema composto (*nĩgtĩ*) apareceu, em (17), concordando com o gênero da cosmologia Kaingang, visto que a *borboleta*, por seu formato, pertence à classe dos Kanhru, com a qual concorda o marcador de aspecto *nĩ*. O mesmo se deu na oração em que a *panela* era o tópico da oração, também de formato arredondado.

Na sequência, apareceram orações que usaram a forma simples do morfema indicador de aspecto permanente novamente; testamos a troca da forma simples pela composta, e o resultado obtido foi o sentido continuativo, ou seja, de algo continua sendo, de algo que é habitual, tendo a característica apontada pelo verbo estativo.

Outra variação nas funções desses elementos indicadores de aspecto foi a concordância de número com o sujeito: o marcador de aspecto apareceu em sua forma composta indicando não aspecto continuativo, nem a concordância de gênero da cosmologia, mas acumulando as funções de concordância de número e aspecto durativo permanente, quando vimos na oração (23) "Eles são muito divertidos".

Na sequência, fomos apresentados a orações contendo o marcador de sujeito *tỹ*, que poderia

ter a função de marcador de existência (caso estivesse no início da oração), mas que entendemos como marcador de ergatividade por a oração ter característica de oração explicativa.

Por fim, vimos uma oração com o indicador de existência *tỹ* em seu lugar prototípico, no início da oração, semântica esta corroborada pelo verbo *existir* finalizando a oração.

Diante dessa variedade de formas e funções, diferentes e coincidentes, determinadas por diversos fatores, concluímos que os estudos referentes à questão dos verbos estativos precisam ser aprofundados com a busca de mais exemplos, tanto coletados de gravações e publicações de diversos gêneros textuais quanto de elicitações para complementar o que não foi encontrado nas gravações e nas publicações.

Notamos, nas análises deste trabalho, assim como já apontado em outros trabalhos constantes nas Referências, a importância de aspectos culturais e sociais na estrutura da língua Kaingang. As análises, apesar de poucas, nos levam à hipótese de que, de todos os fatores que podem influenciar o uso de uma ou outra forma de marcadores aspecto, a que se refere à questão cultural é a que prevalece sobre as demais, ou seja, diante da possibilidade de concordância com a cosmologia, é esta que guiará a escolha do aspecto a ser realizado na língua. Estudos mais aprofundados poderão confirmar ou refutar essa hipótese e elencar os critérios de prioridade na escolha da forma do marcador de aspecto, bem como a razão pelo uso da forma simples e da forma composta em cada caso.

Com isso, pode-se ressaltar a importância do que é considerado extralinguístico (a questão da cosmologia) na questão sintático-semântica, aquele influenciando esta, como já aventado em Guerra, Silveira e Felisbino (2020).

Espera-se que esta pesquisa sirva, também, para que outros pesquisadores se interessem pelos estudos da língua Kaingang e de seu povo, para que seja possível auxiliar na descrição, preservação e revitalização da língua Kaingang.

Lista de abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
IND.EX	indicador de existência
M	masculino
M.ASP	marcador de aspecto
MF	marcador de feminino
MS	marcador de sujeito
PL.	plural
POSP	posposição
POSS	possessivo
SG	singular
TI	Terra Indígena
TI-A	Terra Indígena Apucaraninha

Referências

ALMEIDA, Leriana de. **A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang**: uma proposta de análise. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do Paradigma Interpretativista. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008. p. 31-40.

DOMINGUES, Gislaine. **Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

DOMINGUES, Gislaine; SILVEIRA, Marcelo. Os verbos estativos/descritivos no Kaingang: considerações morfossintáticas e semânticas observadas em sentenças que denotam estado temporário e permanente na língua. *In*: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos (org.). **Macro-jê**: língua, cultura e reflexões. Londrina: Eduel, 2020. 1 livro digital.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **O Brasil Indígena**. Brasília: Funai; IBGE, 2011. Disponível em: http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf. Acesso: 9 maio 2021.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: An introduction. v. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.

GUERRA, Maria José; SILVEIRA, Marcelo; FELISBINO, Damaris Kanĩnsãnh. Reflexões sobre modelos teóricos e descrição das línguas Macro-Jê – aspectos epistemológicos e gramaticais. In: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos (org.). **Macro-jê**: língua, cultura e reflexões. Londrina: Eduel, 2020. 1 livro digital.

ISHIKAWA, Noemia Kazue. **Vãnh Kãmĩ Grugu** (Brilhos na Floresta em Kaingang). Tradução: Damaris Kanĩnsãnh Felisbino. Manaus: Valer; Inpa, 2020.

JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. **Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê meridional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas 2010.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Kaingang. In: NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo**: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Organização e apresentação: Marco Antonio Gonçalves. Campinas: Unicamp, 1993. p. 55-79. (Coleção Repertórios).

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax**: A guide for field linguists. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 4, n. 2, p. 279-288, 2012.

SEKI, Luci. **Gramática do Kamaiurá –** Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Unicamp, 2000.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: UFPR, 2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang**: uma introdução ao parentesco e nominação em uma sociedade Jê Meridional. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

WIESEMANN, Ursula. **Kaingang–Português Dicionário Bilíngue**. 2. ed. Curitiba: Evangélica Esperança, 2011.